

# Medo faz parte da rotina feminina nas cidades

*Por insegurança, mulheres ponderam até a roupa que usarão antes de sair de casa*

**(Folha de S.Paulo, 07/06/2019 - acesse no site de origem)**

A sensação de insegurança no ato de ir e vir faz com que as mulheres pensem não apenas no tipo de transporte que vão usar. Pode parecer estranho a quem não vive esta realidade, mas a escolha da roupa, da maquiagem, do corte de cabelo e até mesmo da escolha do curso que irão prestar no vestibular muitas vezes são influenciadas pela rotina dos transportes que elas vão usar.

“São decisões tomadas para criar uma sensação de segurança”, explica Juliana de Faria, diretora executiva da ONG Think Olga, que participou do painel “Por elas e para elas” do [Summit Mobilidade Urbana](#).

**Maioria.** Idealizadora da tecnologia batizada de Nina Mobile e que serve para que mulheres denunciem assédio e outras ameaças, Simony César, que também participou do painel, informou que as mulheres são protagonistas na utilização dos transportes públicos. Segundo ela, em Recife, 65% das mulheres utilizam caminhada e transporte público como meios de locomoção. Dado corroborado por uma pesquisa da ONG Think Olga, segundo a qual, em famílias com salários de até R\$ 1,3 mil, 50% dos caminhos que as mulheres precisam fazer são a pé e 28% são de ônibus.

Apesar de serem maioria no uso do transporte público, as políticas de proteção ainda são insuficientes para garantir a segurança do público feminino, mais vulnerável a casos de assédio e agressões. Simony explica que a vulnerabilidade é maior entre as mulheres que moram na periferia e que são justamente elas os “sensores” para se ter cidades mais acessíveis para todo mundo. “Se eu conseguir identificar os pontos críticos da mobilidade dessa mulher, eu consigo fazer ações que acabam reverberando para o todo da pirâmide social”, explica Simony.

**Planejamento.** Para Stella Hiroki, doutorada em cidades inteligentes, é necessária a existência de mulheres em posições de tomada de decisões tanto no [poder público quanto na esfera privada](#) para melhorar as políticas de mobilidade e o planejamento de ações futuras. “A mulher tem realmente essa perspectiva do acolhimento e de pensar em diversas áreas trabalhando juntas”, argumenta a especialista.

*Lucas Lopes*

---

# 1 a cada 3 brasileiros tem medo de violência e da polícia, aponta pesquisa.

## Mulheres temem também estupro

Um a cada três brasileiros tem medo da violência urbana nas ruas de seu bairro tanto quanto da Polícia Militar, que deveria remediá-la. É o que mostra pesquisa inédita do Datafolha sobre medo e percepção de segurança.

[\(Folha de S.Paulo, 03/07/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Realizado em 194 municípios do país, o levantamento apontou que 49% dos brasileiros têm medo de ser alvo de violência por parte da Polícia Militar e 60% têm medo de andar nas ruas da vizinhança depois do anoitecer. Um terço (35%), no entanto, tem medo das duas coisas.

A sensação de vulnerabilidade e a ideia de que não há a quem recorrer, dizem especialistas, promove isolamento, enfraquece a coesão social e favorece a busca individual de medidas de segurança, nem sempre lícitas e que não melhoram o quadro geral.

“O brasileiro hoje é refém do medo. Essas pessoas se sentem indefesas”, avalia Arthur Trindade, ex-secretário da Segurança Pública do Distrito Federal e professor da Universidade de Brasília, que estuda o medo do crime.

Segundo ele, o temor da polícia ou do crime não necessariamente estão ligados a uma experiência anterior de violência. Por isso, não necessariamente quem foi vítima de um crime ou de abuso policial tem mais medo que aqueles que nunca passaram por isso.

É o caso da ascensorista Cleide Luci, 49. Ela nunca sofreu furto, assalto ou qualquer outro crime, mas diz ter medo tanto de andar na rua de noite como da Polícia Militar.

“Moro perto de Perus [zona norte], um bairro violento onde acontece muita coisa errada. Fico sempre com receio de sair de noite”, diz.

“Ao mesmo tempo, a polícia me dá medo porque já vi ela agir com muita truculência na periferia. Se você estiver num determinado lugar e tiver certas características, já é suspeito”, avalia. “Os policiais que entram no elevador do meu trabalho, na região central, são sempre gentis. É muito diferente do que vejo perto de casa”, diz ela.

“Com isso, tenho medo de bandido e de polícia. Não sei a quem recorrer”, desabafa.

### **AMEDRONTADOS**

Trindade explica que o medo e a insegurança são maiores entre pessoas de baixa renda -55% têm medo da polícia militar e 62%, de andar nas ruas de noite- porque vivem em bairros menos estruturados e mais vulneráveis.

Pretos e pardos também estão mais sujeitos ao medo pela questão de renda e, portanto, do local de moradia -57% daqueles que têm medo das ruas e da polícia são negros.

Idosos e mulheres completam o perfil dos brasileiros que mais são vítimas da sensação de insegurança.

“Enquanto o homem tem medo de sofrer um assalto na rua, no caso da mulher, soma-se a isso o medo da violência sexual”, explica. Registros oficiais contam 50 mil estupros por ano no Brasil.

É por isso que, enquanto 52% dos homens têm medo de andar na rua após anoitecer, entre mulheres o índice é de 68%. Entre quem tem medo das ruas e da polícia, 56% é do sexo feminino.

Segundo ele, o que diminui a sensação de medo é a confiança no vizinho, também entendida como coesão social, e a confiança nas instituições, caso das polícias –dois fatores distantes da atual realidade do país.

De acordo com pesquisa do Latinobarômetro de 2015, só 7% dos brasileiros confiam em seus pares (o menor índice da América Latina). Estudos brasileiros também apontam índices baixos de confiança nas polícias, em geral em torno de 30%.

## **POLÍCIA**

Para Marcelo Nery, sociólogo do Núcleo de Estudos da Violência da USP, as altas taxas de mortes provocadas por policiais e a percepção de que sua ação é “um tanto aleatória e sem um padrão” aumentam a insegurança.

Nery cita a dramatização da violência feita por certos meios de comunicação aliada à falta de políticas claras de combate ao crime como uma combinação que potencializa a sensação de medo evidenciada pela pesquisa.

Para o coronel Álvaro Camilo, ex-comandante da Polícia Militar de São Paulo, a mídia é um ator muito importante na construção da sensação de insegurança.

Ele avalia que há muito desconhecimento em relação à polícia, o que dificulta sua maior aproximação da população. “A polícia precisa ser conhecida para ser acreditada. Com isso, ela obtém mais informação da população e, portanto, trabalha melhor.”

Renato Sérgio de Lima, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta que os dados sobre o medo das polícias são estáveis pelo menos desde 2012.

“Os padrões de enfrentamento, a baixa capacidade de investigação e a crise do modelo federativo de segurança deixaram a população apavorada. Com isso, essas instituições não podem achar que estão trabalhando corretamente”, afirma.

Camilo admite que a polícia tem seu papel neste resultado. “O próprio policial muitas vezes não interage com a população. A polícia sofre com o estigma do regime militar, sendo que isso acabou e ela mudou há muito tempo”, diz o pesquisador.

Para Lima, a boa notícia é que 51% da população não tem medo da polícia, portanto, a reconhece como instância legítima de ordem e controle e de representação do Estado na detenção do monopólio de uso da força.

## GATILHOS E EFEITOS

Trindade cita estudos que indicam que o que mais provoca medo no Brasil é o barulho de tiros, ao vivo ou no noticiário, seguido do assalto de rua e de incivildades, como brigas e ameaças.

As consequências, diz ele, são múltiplas. Na saúde, o medo gera ansiedade, fobias e pânico. Na economia, atrapalha os negócios e o turismo, e eleva os gastos com segurança privada. Do ponto de vista urbano, isola as pessoas, que passam a usar menos a cidade, tornando-a mais perigosa.

“Quando o Estado não assume o protagonismo e não há política para o medo, as pessoas passam a tomar medidas que vão desde colocar caco de vidro no muro e ter um cachorro bravo até pagar milícias e contratar grupos de extermínio”, alerta.

Para Lima, do Fórum, a segurança precisa finalmente ser tratada como prioridade tanto pelo Executivo federal como pelos governos estaduais. “Vivemos uma crise de implementação. Só com pressão social as coisas serão transformadas e a política de segurança pública pode ser de fato posta em prática.”

---

## [Medo de sentir dor e falta de esclarecimentos motivam cesáreas, aponta pesquisa](#)

**(Folha de S. Paulo, 16/01/2015)** Quando soube que estava grávida, a professora Fabiana Diógenes, 34, de São Paulo, logo avisou sua obstetra: queria que seu parto fosse cesariano, para não sentir dor.

“A médica tentou conversar comigo, mas eu estava decidida, diz. “Minha preocupação era que minha filha não nascesse antes do tempo.”

### **Leia mais:**

[\*‘Medidas do governo dão a impressão de que quem faz cesárea é criminoso’, diz médico \(Folha de S. Paulo, 16/01/2015\)\*](#)

[\*Obstetra explica por que a França tem baixo índice de cesáreas \(Folha de S. Paulo, 16/01/2015\)\*](#)

[\*Associação recomenda que obstetras peçam assinatura de paciente para cesáreas \(Folha de S. Paulo, 16/01/2015\)\*](#)

A administradora Mariana Ferreira Olivieri de Souza, 30, também optou pela cesariana por causa do receio de sentir dores e de ter complicações no nascimento de seu filho Vitor, de oito meses.

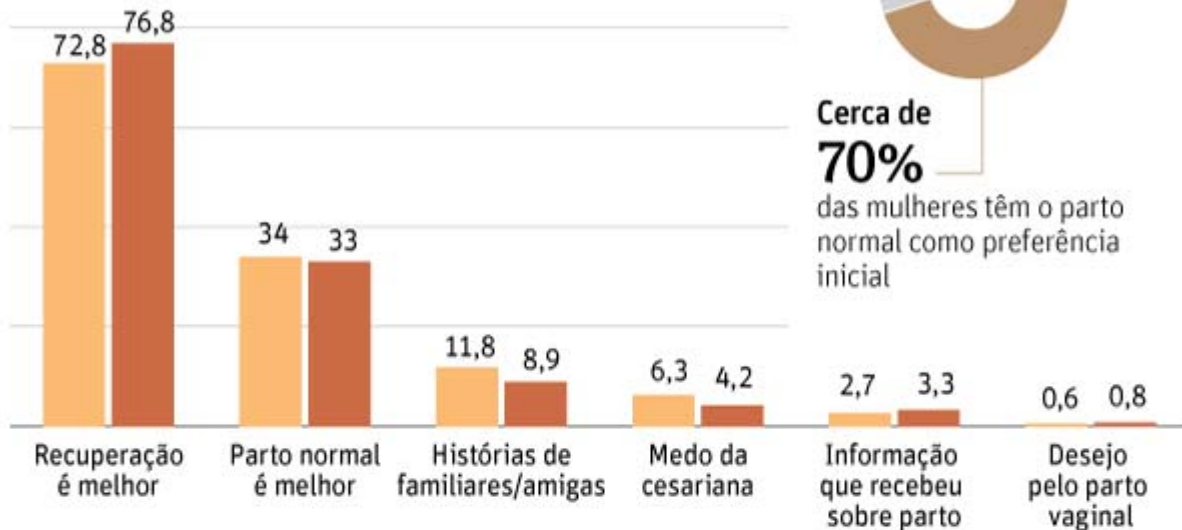
## COMO FOI A PESQUISA

23.940 mulheres foram entrevistadas em 266 maternidades do país

### Razões da preferência inicial **pelo parto normal** (primeira gestação)

Em %

Hospital público Hospital privado



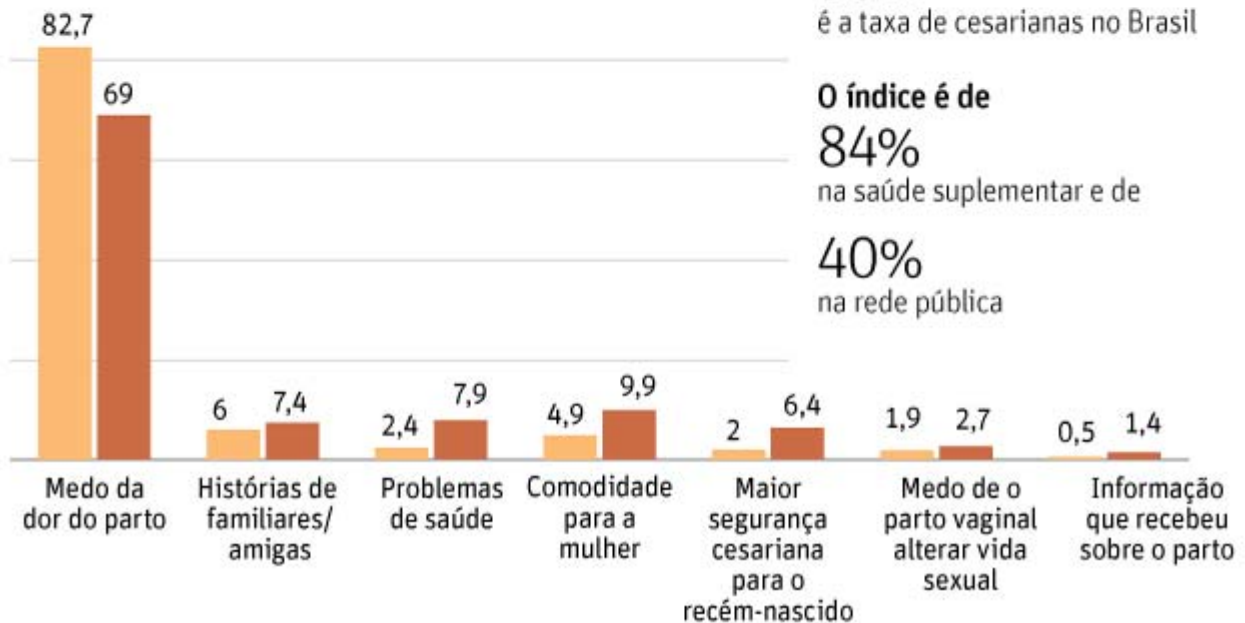
Cerca de **70%**

das mulheres têm o parto normal como preferência inicial

### Razões da preferência inicial **pela cesariana** (primeira gestação)

Em %

Hospital público Hospital privado



**56%**

é a taxa de cesarianas no Brasil

O índice é de

**84%**

na saúde suplementar e de

**40%**

na rede pública

“Minha médica expôs os prós e contras de cada tipo de parto, explicou quais eram os riscos, e optei pela cesárea. Cada um deve escolher o tipo de parto com o qual se sente mais confortável”, afirma.

O medo é comum, segundo um estudo da Fiocruz com dados de 24 mil gestantes de 266 maternidades públicas e privadas do país, e é o principal motivo que leva as mulheres a escolher a cesariana no Brasil. Hoje, 56% dos partos no país são feitos dessa maneira. Na semana passada, o Ministério da Saúde anunciou medidas para mudar esse quadro.

A pesquisa mostrou que, entre as mães de primeira viagem da rede pública, 83% citaram o medo da dor do parto como principal razão para preferir a cesárea. Na rede privada, 69% disseram o mesmo.

Em seguida, na lista de motivos para a escolha da cesárea, aparecem fatores como relatos de amigas e familiares e problemas de saúde.

Mais mulheres atendidas na rede privada afirmaram ainda que a cesariana está associada a um bom padrão de atendimento e traz maior segurança para o bebê.

“A cesárea virou bem de consumo. No setor privado, acredita-se que ela é tão segura quanto o parto normal. Se ela é segura igual, prática e cômoda, por que não?”, questiona Rosa Domingues, epidemiologista da Fiocruz e uma das autoras do estudo.

O editorial do projeto Nascer no Brasil, do qual o estudo da Fiocruz faz parte, aponta ainda que a cesárea vem sendo uma opção para minimizar o sofrimento do parto normal, “que quase sempre ocorre com muita dor”.

Ainda segundo a pesquisa, menos de 5% das mulheres utilizaram práticas recomendadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde) para uma assistência adequada ao trabalho de parto.

“Mulheres no mundo todo têm medo da dor. A questão é como lidar com ela”, diz Domingues. Ela cita o exemplo da Inglaterra, onde as grávidas fazem cursos sobre como amenizar o sofrimento com massagens, caminhadas, água quente e anestesia.

A pesquisadora lembra que a cesárea também pode trazer dores e que essa troca nem sempre é feita de maneira esclarecida.

A pedagoga Juliana da Silva Moreira, 33, teve seu terceiro filho na Inglaterra e pôde comparar a experiência com o nascimento dos dois primeiros no Brasil.

Em sua primeira gravidez, tentou fazer um parto normal na rede pública mas sentiu muitas dores. No fim, precisou fazer uma cesárea. Já na segunda gestação, vendeu seu carro para que o segundo nascesse de cesárea com um médico privado. “Não quis esperar, não quis sentir dores”, conta. A recuperação, porém, foi difícil.

Já na Inglaterra, foi acompanhada o tempo todo por uma enfermeira obstétrica. “Eles queriam que meu parto fosse normal, mas por causa das cesáreas anteriores achavam que não seria recomendado, e no fim não foi mesmo. Mesmo assim fiz ginástica, descia escadas, recebi um preparo e um apoio muito grande para ter parto normal humanizado.”

## **PRIMEIRA OPÇÃO**

A pesquisa da Fiocruz apontou ainda que quase 70% das mulheres tinham o parto normal como preferência inicial.

Para Rita de Cássia Sanchez, coordenadora da maternidade do hospital Albert Einstein, o baixo

número desse tipo de parto mostra que a escolha não tem recebido tanto apoio.

“Precisamos informar a gestante que ela não precisa ter medo e há formas de amenizar a dor. Mas o que acontece no meio desse caminho? Será que não é o médico que está gerando insegurança?”

Com seus 56% de partos realizados por cesárea, o Brasil é campeão mundial nesse tipo de procedimento, segundo a OMS. A entidade estipula uma taxa máxima de 15% de cesarianas, porque o excesso de cirurgias pode trazer mais danos, como nascimentos prematuros, do que benefícios.

Poucos países, como Bélgica e Noruega, porém, atingem esse índice. Sanchez diz que a meta poderia ser algo em torno de 30% (taxa dos EUA), considerando que as mulheres têm engravidado mais tarde e isso pode trazer mais riscos e dificuldades para o parto normal.

*Mariana Versolato*

**Acesse o PDF:** [Medo de sentir dor e falta de esclarecimentos motivam cesáreas, aponta pesquisa \(Folha de S. Paulo, 16/01/2015\)](#)

---

## **Pesquisa: 81% das mulheres já deixaram de fazer algo por medo de assédio**

**(UOL, 19/12/2014)** Em entrevista à Pública, a jornalista Juliana de Faria, idealizadora da campanha Chega de Fiu Fiu, conta que decidiu dar voz às mulheres a respeito do assédio de rua depois de ter passado por situações abusivas e perceber o quanto isso era naturalizado pelas pessoas: “Eu sempre fui vítima de assédio sexual. A primeira vez aconteceu quando eu tinha 11 anos, foi um assédio verbal e me chocou muito. Eu estava esperando para atravessar a rua de casa e um carro diminuiu a velocidade e começou a falar coisas que eu nem entendi na hora mas me assustaram tanto que eu comecei a chorar. Aí no caminho de volta uma senhora me perguntou porque eu estava chorando, eu contei e ela disse ‘ah que bobagem, você deveria estar feliz, na minha idade você vai sentir falta’ e ali eu já entendi que não podia falar a respeito disso. Com 13 anos eu sofri um abuso físico, quase um estupro. Saindo do metrô o cara me puxou pelo braço falando que ia me comer e eu consegui me desvencilhar porque ele estava bêbado demais. Mas se ele não estivesse tão bêbado como isso iria acabar? Nunca falei disso publicamente porque sentia essa resistência, quase como se fosse uma frescura. Aí quando teve aquele caso do Gerald Thomas, que enfiou a mão por dentro do vestido da Panicat, que foi horrível, eu vi amigos meus defendendo aquilo. Gente que eu conhecia, amigos meus defendendo essa cultura de estupro. Foi um *wake up call* para começar esse trabalho”.

**Leia mais:**

[Mulheres treinam autodefesa para se protegerem de assédio e agressão \(G1/São Paulo, 29/12/2014\)](#)

[O mapa da violência contra a mulher, por Sheila Fonseca \(Vermelho, 25/12/2014\)](#)

[\*Estudante da USP denuncia estupro: 'Ele dizia que eu não precisava querer' \(G1, 23/12/2014\)\*](#)

**Acesse a íntegra no Portal Compromisso de Atitude:** [\*Pesquisa: 81% das mulheres já deixaram de fazer algo por medo de assédio \(UOL, 19/12/2014\)\*](#)

**Acesse também a matéria na íntegra publicada pelo Portal A Pública:** [\*Intimidade Violada: cursos ensinam homens a assediar mulheres \(A Pública, 16/12/2014\)\*](#)

---

## **Confira 12 coisas que mulheres não fazem por medo de sofrer violência**

**(Tribuna da Bahia, 13/09/2014)** Ofender, agredir, estuprar e até matar uma mulher apenas pela condição dela: ser mulher. O nome dado a esse conjunto de pequenas ou grandes violências se chama feminicídio e o Brasil, infelizmente, está em posição de destaque entre os países com maiores índices de violência e morte de mulheres.

Fomentando essas tristes estatísticas estão os altos níveis de tolerância de instituições, leis e da sociedade em geral que, não raro, acaba culpando a vítima como justificativa para a violência sofrida.

A maior prova disso é um recente levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) para mensurar a tolerância social à violência contra as mulheres que apontou que uma parcela significativa (26%) dos entrevistados concordava com a afirmação “se as mulheres soubessem se comportar, haveria menos estupros”.

Parece inacreditável nos dias de hoje, não? Mas não é. E o preço de viver em um mundo no qual as mulheres são vítimas até mesmo de quem deveria protegê-las - na maioria dos casos o agressor/assassino é o parceiro ou algum familiar - é a cultura do medo e do silêncio.

Somos ensinadas a temer a evitar situações e lugares que possam gerar algum tipo de violência, e a calar e não reagir sempre que somos vítimas de agressões, sejam elas verbais ou físicas. Veja a seguir algumas experiências que as mulheres deixam de ter simplesmente porque têm medo de serem vítimas de violência:

Usar roupas curtas, justas, decotadas ou com transparências.

Sair para beber sozinha.

Responder a uma ofensa sexista na rua.

Sair para dançar sozinha.

Ficar sozinha na festa depois que as (os) amigas (os) vão embora.

Deixar o drinque sozinho na mesa para ir rapidinho ao banheiro.



Correr ou andar de bike à noite.

Conversar com estranhos.

Dirigir o carro com as janelas abertas.

Andar desacompanhada na rua à noite.

Pegar carona.

Viajar sozinha.

***Acesse no site de origem: [Confira 12 coisas que mulheres não fazem por medo de sofrer violência \(Tribuna da Bahia, 13/09/2014\)](#)***